



ISSN: 1983-8379

A constituição do sujeito literário em trânsito

Pedro de Freitas Damasceno da Rocha¹

RESUMO: Este trabalho tem como objeto de estudo o primeiro romance da jovem escritora brasileira Tatiana Salem Levy, e pretende analisar as estratégias discursivas que possibilitam ao sujeito posicionar-se diante da história e seus desdobramentos de modo a estabelecer-se conscientemente em sua realidade através da prática literária.

Palavras-chave: Identidade; Não-lugar; Alegoria.

ABSTRACT: This paper studies the first novel of the young Brazilian writer Tatiana Salem Levy. It intends to analyze discursive strategies which enable the character (a subject) to place itself towards history and its consequences due to consciously establish itself in its reality through literary practice.

Keywords: Identity, Non-place; Allegory.

1. Das motivações e métodos

O objeto de estudo deste presente trabalho é o romance de estreia da brasileira Tatiana Salem Levy, *A chave de casa*, lançado em 2008. Em setembro de 2009, no Festival Literário de Cataguases (FELICA), atendi a uma conferência em que falou a autora Tatiana Salem Levy de seu livro. No ano de 2010, após ingressar no mestrado de Estudos Culturais do Programa de Pós-graduação em Letras da UFJF, ouvi novamente a respeito do livro e da autora na aula de Representações da Memória. O livro de Tatiana Salem Levy me chamou atenção por seu discurso polifônico em que interconecta circunstâncias e personagens de diferentes tempos na busca pela reestruturação de uma identidade.

Este trabalho segue os passos de uma personagem que após uma perda significativa em sua vida, vê-se perdida e sem parâmetros para se situar no lugar que habita. Em seguida, a personagem recebe de alguém muito próximo um objeto que, supostamente, pode ajudá-la a

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFJF.



ISSN: 1983-8379

recuperar seus vínculos com sua história, e conseqüentemente, redefinir sua identidade em meio a todos os acontecimentos que proporcionaram sua existência. Há expresso no livro o fato de a personagem mencionar em diversas ocasiões, necessidade de escrever. Necessidade esta implicativa da maneira pela qual ela processa suas dificuldades e compreende sua situação, buscando se reestruturar.

Partimos de uma perda que ocasiona um acentuado sentimento de desterritorialização que tem como saída o deslocamento motivado pelo recebimento de uma chave provinda do passado para que se possa restaurar uma identidade. O deslocamento dá-se duplamente em aspecto corpóreo – no movimento físico e espacial entre países e cidades – e em aspecto abstrato – empreendido pelo processo de escrita e reflexão.

Proponho-me por meio deste estudo buscar no discurso literário ferramentas ideológicas que deem meios para preservação e estruturação de uma identidade. Pretendo também averiguar em que medida o fazer literário se estrutura como uma forma de deslocamento e contribui no embasamento dessa identidade que se pretende alcançar.

Lanço mão de designações conceituais de algumas linhas de raciocínio para fazer as considerações que me foram levantadas pela leitura da obra. Faço uma prévia explicação para deixar claro o que penso quando uso cada conceito, visto que diferentes autores dos quais me servi para embasar-me podem divergir em pontos que nublarão a compreensão do meu ponto de vista. Há ainda o fato de meu objetivo neste texto não se deter sobre a discussão teórica, mas em reflexões permitidas pela literatura.

A *alegoria* consiste em um processo de construção de sentido enunciado a partir de fragmentos de algo que pereceu. A ideia é que a partir do fim de uma existência, um fragmento desse todo original teria a capacidade de evocar sua memória. Segundo Benjamin, a alegoria consiste “procurar o particular a partir do universal no qual o particular só vale como exemplo do universal” (BENJAMIN, 1984, p.37). É ponto chave o valor atribuído a qualquer vestígio da peça primordial como significativo do todo.

Vale ressaltar o cuidado de demonstrarmos a “diferença entre representação simbólica e alegórica” (BENJAMIN, 1986, p. 21), visto que símbolo corporifica a ideia expressiva de uma totalidade, enquanto a alegoria só é possível enquanto processo. É importante que na



ISSN: 1983-8379

progressão de uma imagem alegórica encontra-se o caráter perecível do objeto – ou da vida – que se deteriore com a passagem do tempo.

A partir de sua extinção, a capacidade de transformação de um ente deixa de depender de si. Esta passa a depender do contexto em que resquícios do todo (ruínas, monumentos, fragmentos) entrem em contato ou sejam expostos a uma consciência externa e vivente que possa elaborar as impressões da experiência de exposição dando novos sentidos à historicidade tanto do objeto quanto da consciência reflexiva, pois “o que está reduzido a ruínas, a peça depredada, altamente significativa, o fragmento – eis a matéria mais nobre da criação” (BENJAMIN, 1986, p. 32).

A *desterritorialização*, compreendo como a perda ou o afrouxamento das relações de vínculo e identificação de um sujeito com um lugar específico. Para que isso seja entendido sem dúvidas, deter-me-ei por um instante sobre cada um dos elementos que compõe essa equação, a dizer: *território, sujeito e identidade*.

Pelo primeiro, faço ver um espaço de terra estremado por limites nitidamente definidos em que exista de alguma maneira uma relação de posse com os que o habitam. De acordo com Haesbaert, não “poderiam existir territórios sem algum tipo de limite (ou fronteira), que por sua vez não poderia existir sem algum tipo de disputa” (HAESBAERT, 2007, p.45) implicada pela posse. Considerarei amplitudes políticas, econômicas, biológicas e culturais como um conjunto e darei peso maior a uma ou outra se for assim suscitado pela leitura. Caso contrário, tal tarefa guiar-nos-ia por desvio longo e tortuoso em caminhos e méritos que não são os nossos.

Por sujeito quero dizer do Homem que habita determinado território e se locomove, seja por que precisa, seja por que deseja. Ou, do Homem que maneja “uma pluralidade de códigos (...) a partir de dois espaços” (POLAR, 2000, p.306). As várias variantes desse conceito serão determinadas pelas condições que enfrentarem os personagens analisados. Apenas como ilustração, teríamos as categorias do migrante ou do turista. Porém, este texto não discutirá suas diferenças conceituais – entre ambos ou que encerem em si mesmos –, mas em suas convergências motivacionais.

Identidade – em sentido abrangente – vislumbra um sentimento de compartilhamento. Vejo valer circunstâncias como compartilhar cidade ou país, o tempo e até mesmo o gosto por

3



ISSN: 1983-8379

um estilo musical. Seguindo este viés teremos conseqüentemente uma quantidade infinita de identidades, o que não facilitaria este trabalho. Portanto, o ponto chave aqui é conseguir definir afinidades comuns que proporcionem a sensação de pertença a um grupo de pessoas que se congregue e alie em torno de uma causa qualquer em determinado meio.

Condições históricas, políticas, econômicas e culturais de múltiplos aspectos podem definir em determinações opostas todos os itens aqui elencados. Frisamos que focaremos nas circunstâncias afins apresentadas pelo discurso literário que sejam apresentadas por nosso objeto de estudo. Em vista das disposições acima, entendo desterritorialização como o arrefecimento dos traços de afinidades do sujeito com o território que habita, e com a ideia de poder (re)estabelecer uma identidade através de um deslocamento.

O *não-lugar*, que se constitui em oposição ao que denominamos *lugar*. Por *lugar* queremos dizer de qualquer ambiente que tenha fortes e marcantes características particulares e inerentes a um grupo que se identifique com ele através de laços históricos, territoriais e afetivos – identitários. “O não-lugar (...) não abriga nenhuma sociedade orgânica” (AUGÉ, 1994, p.102).

Primariamente, e sem levantamento de exceções, são *lugares* para uma pessoa, a cidade e o país em que se nasce e em que se vive – preferencialmente, um apenas. O que tem peso aqui é que se consiga estabelecer traços de identidades – afinidades – relevantes e importantes para o vivente. Todavia, também posso chamar de *lugar* espaços abstratos como a língua de um povo, uma vez que tal é capaz de criar sensação de afinidade – identidade – o suficiente entre seus falantes, uma vez que o “pensamento do lugar está sempre em nós” (AUGÉ, 1994, p.104).

Por *não-lugar* dizemos de ambientes significativamente neutros onde, teoricamente, grupos convivem em harmonia. São na maioria das vezes espaços de passagem que se destinam ao transporte e locomoção, estágios transitórios entre patamares fixos de identidade. Assim, constituem exemplos de não-lugares os aeroportos padronizados internacionalmente que são o estágio entre dois países. Também neste caso seria não-lugar uma língua que se utilize como universal mas não seja a do falante e nem a do país em que este se encontre, como fosse um francês falando inglês em um voo da Espanha para o Brasil.



ISSN: 1983-8379

A *pós-modernidade*, em oposição à modernidade, que, em uma de suas características negava a postura de seu passado – embora absorvendo relevâncias – em busca de alcançar um novo patamar “evolutivo” dentro dos padrões compreendidos pela história do lugar em que o espírito moderno se fazia presente, não há na *pós-modernidade* como havia na modernidade um raciocínio de síntese que traçava metas comuns entre os que se dedicavam e comprometiam com aquela postura.

É preciso que se diga que o que chamamos de *pós-modernidade* é proveniente da conceptualização do moderno, e portanto, algumas barreiras que se tentam impor nem sempre funcionam como dique de contenção, mas como uma grade vazada, que se tenta limitar o movimento, permite a comunicação.

Da *pós-modernidade*, queremos dizer da circunstância de multiplicidade pertencente a elementos diversos que não se possam definir a partir de um ponto de vista singular. A multiplicidade aqui é tão plural quanto possível envolvendo temporalidade, historicidade, e identidade. Marca Augé fala sobre a “supermodernidade” como espaço dos excessos, constituídos pela “superabundância factual, superabundância espacial e individualização das referências” em que “os componentes se somam sem se destruírem” (AUGÉ, 1994, p.42). Tal fator de onipresença de possibilidades identitárias gera desconforto pela abundância e dificuldade em se situar, o que pode ser causador de graus de apatia ou aceitações irreflexivas:

Enquanto a modernidade estava politicamente marcada pelo mito da Revolução, ou, pelo menos, da inovação permanente, da mudança, a pós-modernidade estaria ligada à repetição (ou “replicação”), ao anti-histórico, ao presente contínuo, enfim, (...) a uma “era do conformismo generalizado”. (HAESBAERT, 2007, p.146).

De todo modo, o mais relevante dessa condição “*pós-moderna*” seria a maior possibilidade do estabelecimento do processo de identificação – tanto pessoal particular quanto pessoal coletivo – através do somatório de muitas pequenas partes que não se sintetizam, ou pelo menos não tornam seus fragmentos constitutivos exclusivos daquele que os pertença – seja Homem ou Estado.



ISSN: 1983-8379

A *transculturização* entendemos como a modificação de uma cultura mediante seu contato com outra de maior ou menor expressão. Transculturização, assim, é a permuta que se estabelece inconscientemente por apropriação e renúncia de características culturais em situações de imersão em ambiente cultural adverso – ou substancialmente diverso de um primordial. Angel Rama usa o termo transculturização porque acredita que este “expresa mejor las diferentes fases del proceso transitivo de una cultura a otra” (RAMA, 2004, p.32-33). Mais que simples troca, o fenômeno implica a reorganização identitária de um sujeito em circunstâncias de exposição a uma alteridade.

2. Do estudo crítico

A personagem principal de *A chave de casa* não tem nome. A única menção denominativa a seu respeito vem tarde no livro, quando está a procura de primos de seu avô e comenta sobre a igualdade de seus sobrenomes, mas ainda sim, não os diz. Chama atenção o fato de haverem muitos questionamentos sem resposta na apresentação desta personagem. Ela não sabe onde está, de onde vem, qual seu destino, nem a quanto tempo encontra-se neste estado: “Nasci no exílio: e por isso sou assim: sem pátria, sem nome. Por isso sou sólida, áspera, bruta. Nasci longe de mim, fora de minha terra – mas, afinal, quem sou eu? Que terra é a minha?” (LEVY, 2008, p. 25). Torna-se assim, quase impossível desvendar quem nos fala. Mas em consonância com Benjamin no raciocínio de que “esconder significa: deixar rastros (...) invisíveis” (BENJAMIN, 1995, p.237) há pistas que podemos seguir.

A primeira delas é uma voz que fala entre chaves interrompendo-se em seu discurso. Não é claro, a princípio, o que ou quem é esta voz que permite-se entender como uma espécie de consciência intromissiva. Descobrimos mais a frente tratar-se da falecida mãe – igualmente não nominada – da personagem. Outra delas é o avô da mulher sem nome. Também em relação a este personagem seu nome não fica claro – talvez seja Raphael, mas não há como afirmar em definitivo. O avô é figura crucial do romance, pois ele entrega à nossa protagonista, a chave da casa em que morou na Turquia há muitos anos atrás para que a neta retorne a ela.



ISSN: 1983-8379

Tome, ele disse, essa é a chave da casa onde morei na Turquia. Olhei-o com expressão de desentendimento. (...) E o que vou fazer com ela? Você é quem sabe, ele respondeu, como se não tivesse nada a ver com isso. As pessoas vão ficando velhas e, com medo da morte, passam aos outros aquilo que deveriam ter feito mas, por motivos diversos, não fizeram. E agora cabe a mim inventar que destino dar a essa chave, se não quiser passá-la adiante. (LEVY, 2008, p. 12-13)

Curioso notar que um terceiro satélite tenha nome; é Raphael, primo do avô. Vejo contraporem-se os parentes próximos aos distantes, em que mãe e avô são a parte roída da identidade da personagem e Raphael, a cultura original com a qual tenta-se reconciliação. Talvez por isto ele tenha um nome, por ele ser o elemento intato e definível deste jogo de forças. Perceba que a possível coincidência – pois ao leitor não fica claro – dos nomes dos primos é a porta entre cultura primordial e a cultura desvinculada.

Para a personagem sem nome, os lugares por ela frequentados, repletos de partes e pistas, suscitam questionamentos e buscas: “ando em busca de um sentido, de um nome, de um corpo” (LEVY, 2008, p. 12). A precariedade existente é inicial e motivadora de todo o movimento, a morte da mãe, poderoso choque, faz com que a personagem feche-se e perca o contato com o mundo. Talvez o objetivo fosse empreender procura pelo que sobrou de sua identidade, talvez fosse apenas uma resposta inconsciente ao trauma.

De todo modo, são três os espaços majoritários em que se desenvolvem as ações: Brasil, Portugal e Turquia. Cada um deles é representativo de um período, mas chegaremos ao tema em seu tempo. Da importância dos lugares, temos aqui uma série de deslocamentos proporcionados por sentimentos de desterritorialização. Se tomarmos o espaço por uma abordagem cronológica, temos a ordem desterritorializadora Turquia, Brasil, Portugal, Brasil. Como caminho de volta temos Brasil, Turquia, Portugal, Brasil.

O primeiro trajeto é percorrido pelos ascendentes da narradora e se divide em três movimentos. Inicialmente realizado pelo avô, é consequente da desterritorialização pela guerra, que faz de sua terra um ambiente duvidoso e do Brasil a perspectiva de um futuro menos turbulento. Em sequência, os pais, fugindo de outro quadro hostil – a ditadura militar e a perseguição de militantes contrários ao regime – seguem para Portugal onde têm a



ISSN: 1983-8379

oportunidade de pouso seguro. Finalmente, o retorno dos pais ao Brasil coincide com a pacificação e a abertura para uma vida saudável entre os seus.

O segundo momento da peregrinação é – a princípio – único da personagem anônima, quando decide procurar informações de seu passado.

Nunca tinha viajado assim antes, com um objetivo a ser cumprido, mas depois de ouvir meu avô e pensar com meus botões acabei me decidindo encarar o desafio. Mal ou bem, era uma possibilidade de encontrar algum sentido para minhas dores e tentar me desfazer delas. Queria voltar a andar, encontrar meu caminho. (LEVY, 2008, p. 27)

O que acontece aqui é que a impossibilidade do discurso – o silêncio dos antepassados – motiva o deslocamento para que as respostas sejam encontradas. Também sob um prisma temporal do espaço, a narradora vai primeiro à terra do avô, e depois a Portugal por onde passaram os pais. O processo de ambientação seguindo os passos dos antepassados abre-nos à perspectiva de identificação – um de nossos objetivos finais. Ao visitar as ruínas do passado, nossa viajante evoca memórias e presenças imateriais daqueles que procura.

Para a protagonista de *A chave da casa*, a escrita se estrutura como não-lugar, uma vez que a prática da escrita funciona como viabilização de auto-reflexão. A escrita para a narradora permite o afastamento da consciência do corpo que escreve, forçando assim um deslocamento psicológico produtivo para a reelaboração da identidade desejada. O não-lugar se estabelece como ambiente provisório de trânsito, ele é o meio do caminho entre não existir e se realizar. A página em branco é o espaço livre das identidades em construção.

Conto (crio) essa história dos meus antepassados, essa história das imigrações e suas perdas, essa história da chave de casa, da esperança de retornar ao lugar de onde eles saíram (...) Conto (crio) essa história para dar algum sentido à imobilidade, para dar uma resposta ao mundo e, de alguma forma, a mim mesma, mas (...) a verdade (...) nenhum passado veio me soprar nos ombros (...) fiquei assim (...) depois que conheci a morte e ela me encarou de frente com seus olhos de pedra. (LEVY, 2008, p. 62)



ISSN: 1983-8379

Para prosseguir, refleti sobre o quadro geral de todas as circunstâncias vistas até aqui. Levando em consideração que me referi a pouco aos sujeitos e territórios, julguei de bom tom reportar ao tempo dos acontecimentos narrados. Quando falei do espaço, fiz algumas vezes a menção de tratá-lo – o espaço – cronologicamente. Agora, revolvo os papéis novamente e abordarei o tempo sob um viés geográfico, pois será pelo espaço que definirei os tempos. O propósito desta metodologia não é mera subversão, mas a valorização da relativização do tempo e sua multiplicidade na sociedade contemporânea. Faço minhas as palavras de Glissant a respeito do que interessa ser “o comportamento imprevisível dessa relação das culturas, imprevisibilidade que constitui uma das bases da ciência do caos” (GLISSANT, 2005, p.101).

Ocorrem-me três tempos principais para a narrativa, os quais tentarei expô-los ordenadamente. E se, ao pensar em três tempos, imagino: *passado, presente, e futuro*, digo que vou nomeá-los: *origem, desenvolvimento e consequências*. Apenas jogo com as possibilidades, pois há origens que cabem ao futuro, consequências que se deram no passado, e desenvolvimentos que se sentem no presente. Na narrativa de Tatiana Salem Levy, a sucessão dos acontecimentos se dá de forma um tanto embaralhada, talvez um exemplo de que “os calendários não marcam o tempo do mesmo modo que os relógios” (BENJAMIN, 1994, p. 230). Nesta trama divisamos três lugares por excelência, sendo eles os já citados Brasil, Portugal e Turquia.

A começar do Brasil, temos que este é o espaço-presente da personagem e da narração, *origem* da família fundada pelo avô. Tendo deixado a família na Turquia, este é o ambiente onde espera construir seu novo espaço, sua casa. Talvez por isto poderíamos atribuir a esta abrupta mudança de país um aspecto revolucionário, também moderno. Seu objetivo é ter uma vida promissora, ou seja, progredir, ir adiante, porém, com o “amparo” de valores migrados, trazidos em sua consciência. Para a mãe e o pai, o país neste estágio representa a luta por direitos, e assim, é um período tipicamente revolucionário, por mais que não concretizado. Busca-se a utopia através do confronto direto, e a consequência é a fuga para Portugal, o segundo estágio desta caminhada.



ISSN: 1983-8379

Ainda no Brasil, temos o início da trajetória de nossa personagem. Aqui aparece o primeiro fator de desterritorialização psicológico identitário do livro, visto que os dois anteriores foram protagonizados por fatores sociais e políticos. Para a personagem anônima, pesa muito a perda do laço com a mãe. Perda essa que será reparada durante viagem de resgate do passado.

Fazemos de Portugal nosso segundo porto. Na cronologia da história narrada, o país figura como o último lugar visitado pela personagem. Assim como foi este o pouso seguro de seus pais após fugirem do Brasil, será também em Lisboa – cidade onde os pais estiveram – que a personagem entrará em contato com boas lembranças da mãe e encontrará o pouco que lhe faltava para reestabelecer sua identidade. Portugal é assim, o tempo do *desenvolvimento*, por ser onde se torna viável o estabelecimento de laços, é de onde ganha corpo a identidade.

O último momento dá-se em duas cidades na Turquia. O primeiro em Istambul, o segundo em Esmirna. Istambul é a porta para a ancestralidade: “Istambul é uma cidade de portas. (...) Cada uma é minuciosamente trabalhada (...) e precisam de tempo para ser apreciadas. (...) O que me importa é saber que o objeto do meu olhar tem algum significado” (LEVY, 2008, p. 64). É de todas as cidades do livro, a mais antiga, tendo sido fundada pelos gregos ainda antes dos romanos. Ali a história sopra ao ouvido da personagem e ela se sente então, parte de algo maior. Ela se sente finalmente parte da história, mesmo que não houvesse encontrado a sua propriamente. As ruas, os mercados e a mesquita exalam épocas distintas e funcionam como verdadeiras máquinas do tempo dando asas à imaginação reflexiva. Por não ser ainda o ponto final da viagem, chega a hora de deixar Istambul e partir à procura da primeira e última casa, aquela à qual pertence a chave.

Chegar à fonte não é tarefa fácil. Nem sempre o lugar é de fácil acesso, nem sempre se sabe ao certo onde é o lugar. Por isto, Esmirna será um espaço de embates, mas onde o objetivo será alcançado, onde a personagem começa a pensar “que sim, havia um sentido nessa viagem. O passado (...) não era apenas daqueles que tinham emigrado” (LEVY, 2008, p. 87). Os embates, dois, serão protagonizados pelo primo do avô, primeiro em sua procura, em seguida, no momento do encontro, quando há de se comprovar a identidade afim. Historicamente, com a presença da personagem, a cidade real e imaginada une as duas pontas



ISSN: 1983-8379

da vida, avô e neta. Dos tempos estipulados, este é a *consequência*, evocada pela fusão de presente e passado, abrindo portas ao futuro e ao que poderíamos dizer maturidade.

A personagem do livro de Tatiana Salem Levy é marcada pelo signo da mobilidade. Sua grande questão é se sentir obrigada a carregar o passado que não assume como seu:

Nasci com (...) o bafo de tempos antigos sobre o meu dorso (...) com os pés na cova (...) carrego nas costas, um peso que me endurece (...) um peso que não é todo meu (...) como se toda vez em que digo “eu” estivesse dizendo “nós” (LEVY, 2008, p. 7)

Consideramos a leitura de que com a morte da mãe, sua porta exclusiva de acesso aos ancestrais da família, ela sente-se obrigada a assimilar os princípios e valores que sua mãe constituía, para passar ela então a representá-los como herdeira de uma tradição com o dever de ter condições de propagá-la. Na falta de substância para fazê-lo tranca-se e evita o contato com o mundo. Não que tenha sido reprimida, pelo contrário, exerceu luto por direito. Toma também a atitude de escrever como a intenção de chegar ao conhecimento, pois entende a prática da escrita como ato de procura.

Temos então, que dada a perda da mãe, a personagem se fecha a procura de uma saída, e tenta empreender a jornada sozinha, por conta de não concordar em ter que carregar o passado *alheio*. A imagem do avô surge inesperadamente, mas não entrega soluções e sim enigmas. Ele entrega à neta uma chave. Diz que é a chave da casa onde morou antes de sair da Turquia, mas qual seu verdadeiro propósito? Não poderia ser de fato abrir a porta. E qual porta? A viagem tem o objetivo de preencher estas lacunas da identidade da nossa personagem: “A história não é só dele, a vida nunca é de uma única pessoa. Se lhe entregou a chave, é porque acredita que ela faça parte da sua história” (LEVY, 2008, p. 18).

Como dissemos, a trama desta narrativa é polifônica, e misturam-se tempos e lugares. De acordo portanto, com nosso raciocínio sobre o tempo e espaço como fizemos previamente, o Brasil posiciona-se como o lugar foram dados os primeiros passos. No caso do avô, foi o primeiro passo da reabilitação e reencontro da identidade que abandonara. Para os pais, o passo foi o da defesa dos direitos, que naquele momento os tirou do país. Já para a personagem, o primeiro passo dado no Brasil foi perceber que a busca não poderia ser apenas



ISSN: 1983-8379

empreendida aqui. A falta da mãe lhe privou dos subsídios que teria, e o avô não é mais capaz de elaborar a síntese dos tempos e culturas, apesar de ter/ser a chave.

Portugal apesar de ser o último estágio da viagem no livro, não é para nós o mais importante. Compreendemos que é lá onde “encontra” as memórias da mãe e é de lá que retorna ao Brasil, mas ainda sim, o grande momento de revelação ocorre em terras mais ancestrais. Na Turquia, o passado se escancara a cada porta atravessada. Das dificuldades de entrar no país, passando pela incerteza de encontrar o primo do avô, ao mais complexo questionamento de qual é sua real função – ou seu real objetivo – naquele espaço, a necessidade de respostas acumula perguntas que talvez sejam respondidas, mas não obrigatoriamente, afinal, “que futuro é certo?” (LEVY, 2008, p. 26).

Segundo o raciocínio de que os nomes encerram um conhecimento predeterminado, e evitam a explicação de seus significados, poderíamos dizer que se houvesse qualquer definição ou respostas às perguntas feitas, esta personagem pudesse acabar tão perdida quanto começou. O fato de desde o início poucos da família serem reconhecidos só aumenta o caráter de desterritorialização de seus indivíduos. Há desta maneira muitos poucos laços com a terra ou com os que compõem uma convivência afim qualquer. Por não terem nome, isso facilita em contrapartida a reflexão sobre eles, suas origens e suas condições: “Quem sabe (...) quando conseguir me libertar do fardo, não consiga também dar nome às coisas? E por isso, só por isso escrevo” (LEVY, 2008, p. 8).

A personagem anônima termina seu ciclo ambientando-se em uma cidade que não é a sua – Esmirna –, mas passa a ser quando se define a ligação com a ancestralidade presente no lugar, assim como Lisboa e mesmo o Rio de Janeiro. O que acontece é que com tantas dúvidas, e conseqüentemente pontos de partida – perguntas – e de chegada – respostas – diversos, elaborados no âmbito da prática do ato de escrever da personagem durante o deslocamento que empreende, cria-se ideologicamente um lugar que congrega em harmonia todas as diferenças. Podemos dizer que no fim, era a própria personagem, a chave que abria a porta da casa, sendo a porta, os familiares distantes que se reencontraram, e a casa, o país e a cultura redescobertos. E o lugar que abriga a nova identidade divide-se em dois, inicialmente no relato e na escrita, e o segundo, no próprio corpo, agora consciente, da personagem.



ISSN: 1983-8379

3. Das considerações finais

Desde o começo verificamos que ser ou não ser deixou de ser questão exclusiva do sujeito, pois este se vê perdido na configuração do mundo contemporâneo em que uma jurisdição ultrapassa seus poderes a limites de outros territórios. Vimos também que ao tentar se posicionar na vida comum à realidade cotidiana, é preciso se abrir e interagir, sendo impossível viver isolado. Por fim, esperamos ter comprovado que o deslocamento é o grande viabilizador da afirmação identitária, uma vez que possibilita ao viajante maneiras de se identificar não apenas com seu lugar de origem, mas com outras partes e características das identidades espalhadas ao redor do globo.

Para o sujeito que viaja, a realidade é absorvida em pedaços, fragmentos de paisagens colecionadas e guardadas como exemplos da realidade a qual pertence e representa. Estes fragmentos são monumentos da significação alegórica que determinam a passagem do tempo e da decomposição – transformação – de seus elementos em detrimento e da confirmação de perenidade da identidade fixa. Da peregrinação pelas cidades ao redor do mundo, podemos perceber que as cidades funcionam igualmente como monumentos alegóricos do não-lugar, já que são padronizadas formas de organização que exprimem de maneira ideal as identidades que permeiam este lugar, sejam elas existentes no tempo real ou imaginário.

Forma-se assim um não-lugar de criação que possibilitaria o agrupamento de todas as características incongruentes componentes de um sujeito em espaço anexo à materialidade, único viabilizador da reafirmação da identidade perdida, mediante a postura transculturante do fazer literário. Temos, portanto, que escrever como processo de busca visa muito além de simples posicionamento de um simples sujeito, mas, fruto de um trabalho consciente desse sujeito atento às disposições da sociedade. Chegamos enfim à conclusão que a supressão do espaço via deslocamento produz no sujeito de nossa contemporaneidade uma sensação de ubiquidade que poderíamos aproximar da ideia não original de brincar de deus, onde o poder consistiria na possibilidade de tornar-se um criador. Não dizemos aqui de um mundo concreto, mas de um mundo utópico, pessoalmente idealizado e corporificado no espaço da criação literária.



ISSN: 1983-8379

Referências

- AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.
- BENJAMIN, Walter. Alegoria e drama barroco. In: Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie: escritos escolhidos, introdução Willi Bolle. Trad. Celeste H. M. Ribeiro de Sousa, São Paulo: Cultrix, 1986.
- _____. Rua de Mão Única. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- _____. Sobre o conceito de história. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. Origem do drama barroco alemão. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- GLISSANT, Édouard. Introdução a uma poética da diversidade. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- LEVY, Tatiana Salem. A chave de casa. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- POLAR, Antonio Cornejo. Uma heterogeneidade não dialética, sujeito e discurso migrante no Peru moderno. In: Mario J. Valdés (org.). O condor voa: literatura e cultura latino-americanas. Trad. Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- RAMA, Ángel. Transculturación narrativa en América Latina. 4ª edição. Mexico D.F.: Siglo XXI Editores, 2004.